

## OS IMPACTOS DO DIAGNÓSTICO TARDIO NO TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: revisão narrativa de literatura

Brenda Medeiros de Sousa<sup>1</sup>  
Isabella Lissa Campos Freire<sup>2</sup>  
Isadora de Sousa Pires<sup>3</sup>  
Jaysa Cristina Pereira Campos<sup>4</sup>  
Delaine de Sousa Silva Álvares<sup>5</sup>

### RESUMO

Muitas pessoas somente são identificadas com TEA quando já estão na idade adulta, fato que pode ser considerado um desafio, haja vista esses indivíduos apresentarem comprometimentos evidentes e sintomas mascarados oriundos de outras comorbidades psiquiátricas. Assim, o estudo proposto apresenta a seguinte questão problema: o diagnóstico precoce pode influenciar favoravelmente no desenvolvimento, bem como na qualidade de vida das pessoas com TEA? Para tanto, tem como objetivo abordar os impactos funcionais e psicossociais inerentes aos indivíduos adultos que recebem o diagnóstico de TEA. O estudo foi motivado pela necessidade de se apresentar a importância de estudos mais compreensivos e aprofundados acerca do autismo e os impactos do diagnóstico para os familiares que convivem diretamente com a pessoa com TEA. A metodologia desenvolvida no estudo foi delimitada a partir de uma pesquisa qualitativa, através de pesquisa bibliográfica, realizada em livros, legislações e nos sites acadêmicos: Scielo – Scientific Electronic Library Online, BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Academia do autismo e outros documentos pertinentes ao tema. Evidencia-se, portanto, a importância de maiores estudos sobre o transtorno do espectro autista, sobretudo, nesta faixa etária, atentando-se para a qualidade de vida dessas pessoas, e ainda, a possibilidade de melhores políticas públicas que busquem uma maior precisão do diagnóstico e incentivo à família e profissionais no rastreamento do transtorno, de forma a diminuir os impactos negativos do autismo, aliviando os sintomas oriundos do transtorno.

**Palavras-chaves:** Diagnóstico tardio; Transtorno do espectro autista; Qualidade de vida.

### 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista – TEA pode ser compreendido como sendo um transtorno do neurodesenvolvimento relacionado a déficits na comunicação e interação social, e ainda, com traços repetitivos e restritos inerentes ao

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Goiânia.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Goiânia.

<sup>3</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Goiânia.

<sup>4</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Goiânia.

<sup>5</sup> Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Goiânia, Doutorado em Direito pela Universidade Estácio de Sá, 2021.

comportamento, atividades, bem como interesse do indivíduo (APA, 2014). De acordo com a referida associação, o TEA pode ser percebido dependendo de sua gravidade, a partir do nível de desenvolvimento e da idade cronológica da pessoa, por isso é definido como "espectro", compreendendo os transtornos definidos como "transtorno infantil, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger" (APA, 2014).

Em sua maioria, a sintomatologia do TEA é percebida habitualmente durante os dois anos de idade da criança; no entanto, também pode ser verificada antes dos 12 (doze) meses de idade, caso os comprometimentos de desenvolvimento da criança forem graves. Neste contexto, a Associação Psiquiátrica Americana (2013) destaca a importância de se obter um diagnóstico da pessoa com TEA o quanto antes, a fim de minimizar os prejuízos de desenvolvimento na mesma. Neste período de início de desenvolvimento da pessoa, essa tem uma maior capacidade adaptativa neuronal, definido como "Plasticidade neuronal", assim, estão mais aptas à adaptação de padrões comportamentais específicos, bem como, a um maior trabalho em seu desenvolvimento cognitivo e motor.

Outro destaque quanto à intervenção precoce ao TEA é verificado por Viana et al., (2020) que destaca a importância do auxílio dos familiares na identificação do transtorno, bem como em todo o processo de superação de dificuldades posteriores ao diagnóstico e no enfrentamento das mudanças que serão vivenciadas em toda a rotina familiar.

Contudo, é importante frisar que muitas pessoas somente são identificadas com TEA quando já estão na idade adulta, fato que pode ser considerado um desafio, haja vista esses indivíduos apresentarem comprometimentos evidentes e sintomas mascarados oriundos de outras comorbidades psiquiátricas, como, por exemplo, a ansiedade, o transtorno obsessivo-compulsivo e até mesmo o transtorno esquizoafetivo (MENEZES, 2020). Desta forma, fica bem complicada a percepção do diagnóstico, bem como, traçar uma contextualização do desenvolvimento da doença, sendo importante, neste contexto, observar toda a história contada pela pessoa, analisar os fatores sociais, psicológicos e biológicos relatados para assim, se ter um diagnóstico confirmado. Para tanto, o estudo apresenta a seguinte questão problema: O diagnóstico precoce pode influenciar favoravelmente no desenvolvimento, bem

como na qualidade de vida das pessoas com TEA?

A partir da constatação da questão problema, o objetivo do estudo é abordar os impactos funcionais e psicossociais inerentes aos indivíduos adultos que recebem o diagnóstico de TEA. Buscando ainda, mostrar a importância do diagnóstico antecipado do TEA nas crianças, apontar as alterações familiares vivenciadas após o diagnóstico do TEA e pontuar as contribuições da Psicologia relacionadas ao diagnóstico do TEA para os pais.

Como hipóteses relacionadas ao estudo proposto, tem-se que a intervenção precoce do TEA pode proporcionar melhorias significativas, contribuindo no processo de desenvolvimento e no processo evolutivo da pessoa. E ainda, que pessoas com diagnóstico tardio do TEA teriam maiores comprometimentos do que aqueles diagnosticados logo nos primeiros anos de vida, haja vista seus mecanismos de desenvolvimento do cérebro já estarem formados, presumindo-se assim que os resultados poderiam ser mais complexos.

Portanto, quanto mais cedo o TEA for identificado e diagnosticado, maiores serão as possibilidades de tratamento correto, evitando assim impactos graves nas habilidades cognitivas e sociais do indivíduo. Consoante este entendimento, o estudo se justifica pela necessidade de se apresentar a importância de estudos mais compreensivos e aprofundados acerca do autismo e os impactos do diagnóstico para os familiares que convivem diretamente com a pessoa com TEA, bem como, da importância de se identificar os primeiros sinais do TEA logo nos primeiros anos de vida da criança, para se evitar agravos de comportamento que podem comprometer a vida social do portador.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ASPECTOS GERAIS – TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA**

O Transtorno do Espectro Autista é percebido como sendo um transtorno psicológico de etiologia multifatorial, ou seja, trata-se de um transtorno evidenciado pela dificuldade de interação social do indivíduo.

O autismo é um distúrbio do comportamento de início precoce e curso crônico, com impacto variável em áreas múltiplas e nucleares do desenvolvimento, é caracterizado por prejuízos na interação e na comunicação social, com restrita gama de interesses, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados e maneirismos (SANTOS et. al., 2018, p. 01).

Os primeiros sintomas do TEA podem ser verificados entre as idades de 15 (quinze) e 18 (dezoito) meses. Embora seja considerada uma idade precoce, é neste momento que os primeiros sintomas podem ser percebidos, e a partir de então, é importante procurar ajuda de um profissional especializado. Salienta-se a importância de diagnosticar a criança entre os dois e três anos de vida, para que o desenvolvimento cognitivo e social da criança não seja afetado.

Apesar de o DSM-V (APA, 2013) fornecer os critérios básicos para a determinação do diagnóstico de autismo, em termos práticos, o processo diagnóstico não é tão simples quanto pode parecer. Da grande diversidade de manifestação dos sintomas atípicos, existe também uma grande variedade em relação ao momento em que a criança começa a exibir cada dos diferentes sintomas, bem como diferenças individuais no perfil de desenvolvimento de cada criança e das comorbidades que podem estar presentes em diferentes casos (PESSIM; FONSECA, 2015, p. 2).

Segundo Malheiros (2017, p. 64), já nos primeiros anos de vida da criança, os pais podem identificar alguns sinais de TEA, como, por exemplo, o atraso e a ausência de fala. Além desses sintomas, os pais podem identificar dificuldade em compartilhar atenção e imitação, um certo isolamento da criança, alteração de sono e padrões específicos de alimentação. "O processo entre a suspeita dos pais e a confirmação do diagnóstico aos 3 anos, sendo notável a urgência da redução desse tempo para que os indivíduos possam ser apresentados às estimulações necessárias".

Desta forma, depreende-se que entre o 15<sup>o</sup> e 18<sup>o</sup> mês da criança, é possível detectar os primeiros sinais de comportamentos autistas, conforme disposto no DSM-5. Contudo, de acordo com Portolese (2020, p. 02), "aos 2 anos, o diagnóstico por um profissional experiente pode ser considerado muito confiável, levando em consideração os relatórios e avaliações de outros profissionais, como neuropsicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos".

As crianças com TEA têm prejuízos no comportamento adaptativo começando aos 12 meses, muito antes do período padrão do diagnóstico. Atrasos no comportamento adaptativo impactam negativamente não só no curso e prognóstico (resultado funcionais) de crianças com TEA, mas também naquelas em que existem outras preocupações com o neurodesenvolvimento. Sendo importante as intervenções específicas e precoces (PORTOLESE, 2020, p. 02).

O DSM-5 (2014) aponta alguns critérios de diagnóstico para identificar crianças com TEA, como, por exemplo, déficits de comunicação social, de reciprocidade emocional, de comunicação não verbal, de compreensão dos relacionamentos, e possuem padrões restritos e repetitivos de comportamento. Esses são apenas alguns

dos vários critérios que podem ser observados no que diz respeito ao diagnóstico do TEA. Ressalta-se que os sintomas devem ser identificados no período de desenvolvimento da criança, para que não acarretem em prejuízos significativos em áreas sociais, profissionais e demais áreas que afetem o futuro da criança.

O DSM-5, reforçando a necessidade de se averiguar os aspectos fundamentais para o diagnóstico do TEA, ressalta as necessidades de suporte e atendimento, considerando 3 níveis de severidade do TEA:

Nível 1 – paciente necessita de suporte. Possui dificuldade de interação social inicial, além de possuir respostas atípicas ou falhas a interações sociais. A inflexibilidade apresentada interfere no seu funcionamento nesse e/ou em mais contextos.

Nível 2 – requer apoio substancial (possui, por exemplo, acentuado déficit em aspectos não verbal e social. Apresenta dificuldade em iniciar interações, comportamento restritivo ou repetitivo);

Nível 3 – requer apoio muito significativo. Apresenta, por exemplo, grave déficit social e não-verbal, inflexibilidade em mudanças, interferindo significativamente no funcionamento das atividades do paciente (OLIVEIRA, 2017, p. 15).

Por ser um transtorno que se assemelha a características de crianças tímidas ou introspectivas, ou ainda a outros transtornos semelhantes, o TEA pode demorar a ser identificado. É importante frisar, neste contexto, o papel da família e de profissionais capacitados para identificar os sintomas.

Quatro fatores podem influenciar no atraso da realização do diagnóstico do TEA: 1) a variabilidade na expressão dos sintomas do TEA; 2) As limitações da própria avaliação; uma vez que essa população demanda instrumentos específicos e sensíveis aos comportamentos sociais mais sutis e próprios dessa faixa etária; 3) A falta de profissionais treinados/habilitados para reconhecer as manifestações precoces do transtorno; 4) A escassez de serviços especializados (ZANON, et. al., 2014, p. 26).

Sobre a dificuldade de se diagnosticar precocemente o autismo, Pessim e Fonseca (2015) destacam que, embora se perceba avanços significativos em relação ao tempo de identificação dos sinais de TEA nas crianças, ainda se percebe muitas pessoas que vivem anos e anos sem um diagnóstico definitivo sobre o transtorno.

Existem divergências de opinião em relação ao diagnóstico precoce do autismo nas crianças. De acordo com CID-10 e DSM-V o diagnóstico deve ser feito até os 36 meses de idade. No entanto, estudos dizem que aos 24 meses já se pode realizar um diagnóstico seguro e pesquisadores também tem sondado que nos 12 meses iniciais de vida, o diagnóstico já possa ser feito. Importante frisar novamente que quanto mais cedo se realiza um diagnóstico melhor será o prognóstico da criança (PESSIM; FONSECA, 2015, p. 3).

O diagnóstico tardio do TEA pode acarretar agravamento nos sintomas do

transtorno, afetando diretamente no comportamento social do autista, bem como em seus relacionamentos interpessoais, no seu comportamento motor e ainda no processo evolutivo da criança, como pode ser observado abaixo.

Algumas consequências do reconhecimento tardio estão nos agravos de seus comportamentos, existe o risco do fracasso em desenvolver relacionamento com seus pares e a falta de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas; crianças autistas não têm real medo do perigo o que pode gerar graves acidentes, sua agressividade pode trazer transtornos na vida escolar e dentro de casa, a hipersensibilidade sensorial marcante na síndrome causa dor no autista; com o tempo, se não realizadas terapias, a irritação pode gerar crises nervosas pelo incômodo sonoro (SHAW; LEANDRO; ROCHA-OLIVEIRA, 2021; p. 23).

Para Semensato e Bosa (2014), são vários os fatores que podem resultar no diagnóstico tardio do TEA, como, por exemplo, a falta de informação dos familiares sobre o transtorno, a falta de profissional especializado ou ainda a falta de aceitação do transtorno. O autor ainda afirma que "uma criança com autismo pode ser um fator estressante para muitos pais, pois muitos não têm aceitação ou preparo para lidar com o transtorno".

Por vezes, a falta de aceitação tanto dos familiares quanto do meio onde a criança está inserida confirma-se como um fator que afeta o diagnóstico precoce da criança. Portanto, é tão importante ter um profissional de confiança no processo de diagnóstico, para que as dúvidas sejam sanadas e o diagnóstico do transtorno seja explicado de forma clara e compreensível para os familiares, favorecendo todo o processo de adaptação e tratamento.

Diante desses critérios diagnósticos estabelecidos pelo DSM-V, vê-se a necessidade de um profissional para que a avaliação clínica seja conduzida, levando-se em conta a diversidade das características que englobam o TEA, pois a caracterização do transtorno como um espectro é muito recente (SEMENSATO; BOSA, 2014, p. 95).

Nos casos em que os pais e familiares agem de forma negativa em relação ao diagnóstico, são percebidos vários prejuízos na evolução da criança, causando até mesmo desconforto para ela, incorrendo na falta de tratamento devido a crenças equivocadas.

É importante ressaltar que as famílias são capazes de se adaptar bem ao fato de ter uma criança com deficiência, e que, embora a maioria dos pais experimentem decepção, estresse e preocupações frente ao diagnóstico de deficiência em um filho, isto pode ser considerado natural nesta circunstância. No caso do autismo, um potencial estressor, ressalta-se a importância de a família poder falar sobre esse momento, trazer suas crenças e concepções, o que pode facilitar uma resignificação dessa vivência, além disso, pode influenciar em como os pais vão se movimentar neste período (SEMENSATO; BOSA, 2014, p. 102).

Assim, tem-se que o diagnóstico tardio do TEA pode apresentar desconfortos significativos à pessoa, impossibilitando que a mesma se adapte, habilite e reabilite, aumentando os sintomas que comprometem a vida em sociedade, causando incapacidade e deficiência na socialização e adaptação aos ambientes. A aceitação dos pais e familiares, bem como o suporte de um profissional habilitado na identificação do TEA, torna mais fácil o tratamento e evita prejuízos no desenvolvimento da criança.

## 2.2 DIAGNÓSTICO TARDIO DO TEA

O diagnóstico do autismo em muitos países é recomendável logo nos primeiros anos de idade do indivíduo; em outros, esse diagnóstico não é visto com tanta frequência. No Brasil, somente começou a existir políticas públicas para os casos de saúde mental no começo do século XIX, ocasionando a desagregação entre os profissionais da medicina e o grupo de familiares. Apesar de haver a Lei Berenice Piana (Lei 12.764/2012), que traz em seu contexto a garantia do direito ao tratamento pelo SUS e, de certa maneira, tenta garantir o respeito, ainda existem muitas desinformações que impedem o direito a tratamento para essas pessoas, sendo esse um dos principais motivos pelos quais o diagnóstico do TEA somente é conferido quando a pessoa já está adulta (CAPARROZ; SOLDERA, 2022).

A Lei nº. 13.438/2017 exige que o SUS introduza em suas avaliações a triagem em bebês; porém, para o Conselho Federal de Psicologia, os bebês não apontam características do TEA. Destaca-se que, quanto à inclusão, é preciso aplicar de forma eficaz as leis, a fim de atender os direitos das pessoas em serem diagnosticadas o quanto antes.

No Brasil, assim como em outros países considerados de baixa renda, é mais fácil acontecer o diagnóstico tardio, por falta de acesso a informações a respeito desse assunto. Mas o diagnóstico tardio pode acontecer na fase adulta, nos países desenvolvidos. Isso porque, em alguns casos, a comorbidade poderá esconder os traços autistas, dificultando assim o diagnóstico do espectro autista (LOCATELLI, 2016).

O autismo na infância quase sempre passa sem ser percebido, ficando perceptível apenas no final dessa fase. Já na fase adulta, os traços se manifestam pela falta de empatia, dificuldade em sentir as emoções que as outras pessoas

transmitem. Muitas vezes, essas pessoas são classificadas como antissociais. Existem vários portadores de TEA que têm boas habilidades de aprendizado e linguagem, demonstrando que são portadores de TEA somente quando apresentam um comportamento excessivo (SILVA; ARAÚJO; DORNELAS, 2020).

Um dado muito curioso é que nas mulheres os sintomas aparecem de forma mais moderada, o que pode resultar em um diagnóstico mais tardio. Assim, compreende-se que é de grande valia o acompanhamento do portador de TEA no processo de atendimento, bem como em sua evolução, com o intuito de proporcionar uma boa adaptação positiva do mesmo na sociedade.

### 2.3 SINAIS E SINTOMAS DO TEA TARDIO

Como dito, o diagnóstico feito nos primeiros anos de vida é de suma importância. Porém, em alguns países, ainda há certa dificuldade em descobrir alguns sintomas e sinais, e alguns só descobrem o TEA na adolescência ou na fase adulta. Sobre o autismo em adultos, a legislação não aborda essa temática, o que torna inconsistente as permissões de acesso desses pacientes a determinados serviços sociais para obter o amparo necessário.

Desta forma, os sintomas do TEA são mais perceptíveis ainda na infância ou na adolescência. Na fase adulta, os sintomas podem ser parecidos com a timidez, o que faz com que a pessoa pense que é apenas tímido, o que dificulta seu convívio em sociedade. Mesmo que haja ou não diagnóstico ainda na infância, existem certos sintomas peculiares que permanecem mesmo após a infância, como agressividade e obsessões. Além disso, envolve também as questões da educação, o entrosamento na área profissional e toda preocupação em relação à independência da pessoa (VELOSO; JARDIM, 2021).

Sendo assim, como os sintomas de autismo adulto são considerados mais brandos, muitas vezes passam despercebidos. O TEA foi especificamente abordado na infância, o que de certa forma é ruim, pois há pouca ou quase nenhuma informação sobre o transtorno ao longo da vida. Porém, estudos recentes mostram que conforme a pessoa envelhece, podem surgir alguns agravos na memória episódica/operacional, funcionamento executivo, atenção, flexibilidade cognitiva, entre outras (LOCATELLI, 2016).

Por outro lado, um estudo comparando adultos e crianças apontou que determinados comportamentos repetitivos reduzem à medida que envelhecem, assim como atos compulsivos e lesivos, comprovando que, com a mudança de idade do paciente, também há mudanças nos padrões (LOCATELLI, 2016).

O adulto com TEA enfrenta algumas dificuldades na vida social, como a socialização e interação. Dificuldades em interagir, entender piadas e seguir regras impostas pela sociedade são fatores confusos para eles. Com isso, as conversas são sempre peculiares e com respostas diretas. Outro aspecto que o espectro autista apresenta é o funcionamento e hiperfoco, ou seja, dificuldade de compreensão de eventos a longo prazo, impossibilitando a divisão de atenção (LOBATO; MARTINS, 2020).

O portador de TEA tende a ter sensibilidade a músicas altas, pessoas tocando, luzes, cheiros diferentes, entre outros. As crises não ocorrem em todos os casos, porém, em situações de alto estresse, podem ocorrer episódios de crises. As crises são causadas por um nível elevado de agitação e são ocasionadas pela ansiedade em casos desconhecidos ou estressantes. Por outro lado, a pessoa pode ficar em silêncio, ocultando o que está acontecendo ao seu redor (MENEZES, 2020).

Diante do exposto, faz-se necessário que haja mais pesquisas sobre o TEA em adultos. É preciso que haja mais conhecimento por parte da sociedade sobre o que é ser autista, assim como o paciente também precisa ter auto aceitação por meio de suas experiências depois de diagnosticado. É preciso ter acesso a informações para que haja mais aceitação, mais respeito e menos preconceito, o que é de suma importância para o diagnosticado, pois todo o conhecimento sobre o assunto traz um sentimento de alívio e conforto para ele.

### **3 METODOLOGIA**

Considerando que o objetivo do presente estudo é abordar os impactos funcionais e psicossociais inerentes aos indivíduos adultos que recebem o diagnóstico de TEA, utiliza-se a pesquisa descritiva, com o intuito de descrever as principais características do tema proposto, por meio da coleta padronizada de dados. Segundo Gil (1999, p. 83), "as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno, ou o

estabelecimento de relações entre variáveis".

Considerando ainda a natureza da pesquisa, que utiliza o método qualitativo, busca-se obter um detalhamento ainda maior sobre o tema proposto. Andrade (1997) afirma que no método qualitativo é possível compreender o significado que os indivíduos atribuem às coisas, dando destaque à perspectiva dos participantes.

As fontes adotadas para a execução do estudo proposto serão bibliográficas, incluindo artigos científicos, livros, leis e outros documentos relacionados. Segundo Lakatos e Marconi (2001):

O modelo bibliográfico prevê o levantamento, seleção e documentação de materiais publicados sobre o assunto ou que está sendo pesquisadas em livros, enciclopédias, revistas, monografias, teses e dissertações, com o intuito de colocar o pesquisador em contato direto com material já escrito sobre o mesmo (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 45).

As informações obtidas por meio da pesquisa realizada foram transcritas no estudo, buscando estabelecer uma interação entre elas, com o objetivo principal da pesquisa em mente. Ressalta-se que o estudo em questão seguirá as normas da ABNT, especialmente, no que diz respeito às citações bibliográficas, a fim de garantir sua padronização.

A busca dos estudos foi realizada no site Scielo - Scientific Electronic Library Online, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses - BDTD, na Academia do Autismo e em outros sites relacionados ao tema proposto. Com o objetivo de abranger uma maior quantidade de literatura encontrada sobre o tema em questão, foram verificadas as listas de referências de estudos incluídos ou revisões consideradas de grande importância, identificadas por meio de pesquisa manual.

Para isso, foram utilizadas as seguintes palavras-chave na estratégia de busca: Diagnóstico tardio, Transtorno do Espectro Autista e Impactos do TEA. Considerando o critério de inclusão de informações relevantes para o objetivo do estudo, foram considerados artigos, dissertações e outros documentos relacionados publicados no período de 2013 a 2021, que abordam os objetivos e questionamentos sobre o tema.

No que diz respeito ao critério de exclusão no desenvolvimento do estudo proposto, foram excluídos trabalhos públicos fora do período de inclusão, ou seja, textos e periódicos aleatórios que não contribuíram para o tratamento das questões abrangidas no estudo. Portanto, destaca-se que as buscas foram realizadas de acordo com as orientações de cada base de dados, ou seja, biblioteca e portal de periódicos, seguindo a estratégia definida na Tabela 01.

Tabela 01 – Estratégia de busca

<b>Base de dados</b>	<b>Descritores</b>	<b>Resultados</b>
Scielo – Scientific Electronic Library Online	Busca: (TEA; autismo; diagnóstico)	120
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Busca: (Todos os campos relacionados ao TEA)	110
Academia do autismo	Busca: (Diagnóstico do TEA)	05
TOTAL		235

Fonte: autoria própria.

Os quatro integrantes do estudo proposto realizaram uma busca e selecionaram os estudos de forma independente, utilizando os bancos de dados mencionados anteriormente, a fim de estabelecer um embasamento teórico sobre os impactos do diagnóstico tardio no Transtorno do Espectro Autista - TEA.

A seleção foi realizada em quatro fases distintas, e após cada uma delas, os alunos pesquisadores revisaram as inclusões e exclusões, buscando encontrar pontos de convergência entre os resultados obtidos por cada um dos integrantes. Na fase 1, chamada de Identificação, foi feita uma busca por conteúdos relacionados ao tema proposto nas bases de dados. Na fase 2, denominada triagem, foram lidos os títulos e resumos dos artigos pesquisados, aplicando-se critérios de exclusão para descartar conteúdos de menor importância e relevância em relação ao tema. Na fase 3, conhecida como elegibilidade, foi realizada uma busca manual e feita a leitura dos artigos completos, destacando aqueles que mais se adequavam aos objetivos e questionamentos da pesquisa, levando em consideração critérios como participantes, intervenção, comparação, resultados e desenho do estudo. Por fim, na fase 4, tratada como inclusão, foi construída uma tabela que apresenta a identificação, os objetivos, o método, os resultados e as conclusões dos estudos, seguida de uma síntese qualitativa dos mesmos.

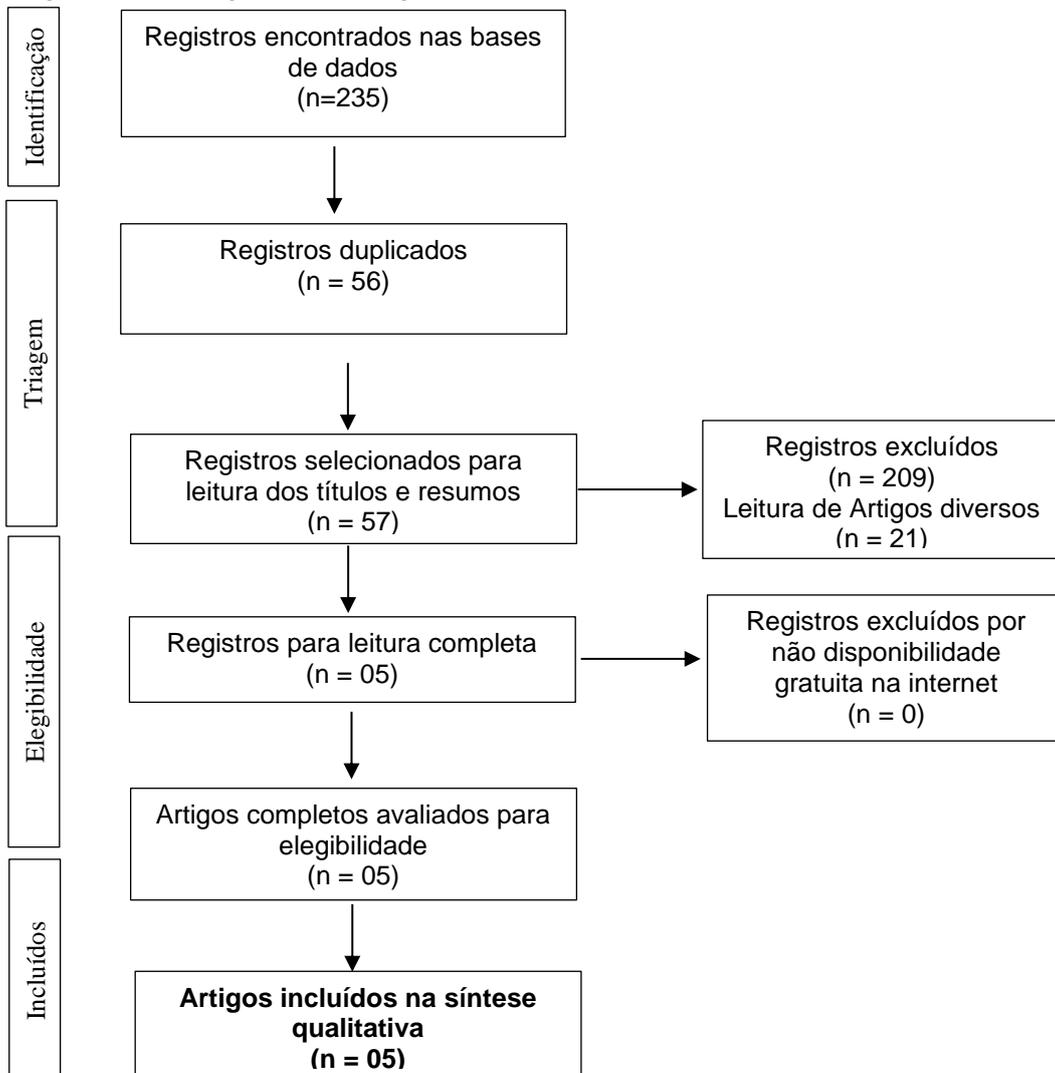
É importante ressaltar que nenhum dos autores da revisão foi influenciado pelos títulos das revistas ou pelos nomes dos autores das pesquisas. Além disso, foi desenvolvido um diagrama de fluxo que ilustra as fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, fornecendo informações quantitativas, bem como uma

declaração explicativa dos motivos de exclusão dos artigos. Esse diagrama pode ser encontrado na Figura 1, na seção dos resultados.

#### 4 RESULTADO

Considerando que o estudo aborda os impactos do diagnóstico tardio no TEA - Transtorno do Espectro Autista e que a questão problema é: o diagnóstico precoce pode influenciar favoravelmente no desenvolvimento e na qualidade de vida das pessoas com TEA? Identificaram-se, inicialmente, 235 títulos nas bases de dados. No entanto, após verificar os dados teóricos dos mesmos, constatou-se a presença de 56 artigos duplicados. Abaixo segue a tabela do diagrama de fluxo.

Figura 1 - Fluxograma de elegibilidade, inclusão e exclusão.



Fonte: Adaptação de The PRISMA 2009 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews, BMJ 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.71

Durante a leitura dos títulos, foram excluídos 209 periódicos que não atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Restaram apenas 5 registros que foram lidos integralmente e selecionados para a síntese qualitativa dos dados da pesquisa, levando em consideração os critérios de inclusão. Além disso, foram consultados 21 artigos adicionais sobre o tema do estudo, a fim de fornecer uma base teórica mais ampla sobre os impactos do diagnóstico tardio do TEA. Identificou-se, inicialmente, 235 documentos relacionados ao tema nas bases de dados. Não foram encontrados artigos duplicados. No entanto, alguns desses documentos não contribuíram teoricamente para o desenvolvimento do estudo.

Durante a fase de leitura dos títulos, a fim de garantir a abrangência da literatura, foram analisadas listas de referência de estudos incluídos ou revisões relevantes identificadas por meio de pesquisa manual.

A busca foi realizada de acordo com as orientações de cada base de dados, biblioteca ou portal de periódicos, conforme destacado no quadro abaixo. A partir dessas buscas, apresenta-se um quadro com os principais artigos, destacando seus autores e anos de publicação, que fizeram parte da revisão bibliográfica do estudo sobre os impactos do diagnóstico tardio do TEA. Segue abaixo:

Quadro 01 – Principais achados de artigos científicos sobre TEA

<b>Autores/ Ano</b>	<b>Nome do artigo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Principais achados</b>
Menezes (2020)	O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta.	Compreender o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista, abordar suas Consequências para a vida dos pacientes na fase adulta e como se dá a percepção destes após a designação de um diagnóstico.	Necessidade de modificações nas políticas de saúde perfazendo com que médicos estejam mais capacitados para o manejo de pacientes que nunca tiveram suas especificidades determinadas, e ainda que necessitam que seus direitos sejam garantidos.
Silva, Araújo, e Dornelas (2020)	A importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista.	Apontar a importância do diagnóstico e do processo de reabilitação no Transtorno do Espectro Autista com base nos avanços científicos na área.	Os responsáveis pela criança necessitam se concentrar nos fatores do desenvolvimento a fim de notar problemas, bem como, direcionar ao suporte multidisciplinar que pode impactar muito no prognóstico do TEA.
Caparroz e Soldara (2022).	Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares.	Abordar o diagnóstico do TEA e seus impactos na vida familiar, compreendendo e analisando os impactos nas famílias que tem o diagnóstico em seus filhos de autismo.	Necessidade de suporte e adaptações para minimizar as repercussões do diagnóstico de TEA no cotidiano familiar.
Veloso e Jardim (2021)	A importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista em crianças e os impactos no processo de aprendizagem	Prevenir o agravamento de características associadas aos TEA's ao longo do desenvolvimento por meio da identificação e intervenção precoce pelos pais e profissionais escolares.	preparar as escolas alvos, para identificação de possíveis sintomas/sinais do autismo junto a indicação de quais profissionais deveriam ser contatados e sobre como seguir com a situação, a fim de garantir diagnósticos mais precoces, não prejudicando a criança em seu desenvolvimento tanto escolar quanto social.
Lobato e Martins (2020)	Autismo: descoberta tardia, importância da terapia cognitivo comportamental na intervenção psicoterapêutica	Compreender o TEA, história, características, prejuízos e diagnóstico tardio em adultos e apresentar as contribuições interventivas da Terapia Cognitivo Comportamental no tratamento psicoterapêutico.	Terapia cognitivo comportamental pode trazer benefícios no auxílio ao tratamento dessas pessoas visto que a TCC é flexível e pode ser usada para os mais diversos tratamentos, dentre eles o Autismo tardio.

Fonte: autoria própria.

## 5 DISCUSSÃO

Considerando as buscas realizadas em sites acadêmicos e demais documentos relacionados ao tema proposto, destaca-se o entendimento da importância do diagnóstico precoce de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, tendo em vista que isso contribui para reduzir as consequências do transtorno, facilitando o desenvolvimento pessoal e social da pessoa.

Com a identificação do transtorno do espectro autista, os profissionais e a própria família da pessoa diagnosticada poderão buscar diversas maneiras de lidar com esse transtorno, proporcionando uma forma mais adaptada de convivência com o meio social em que estão inseridos, além de promover o desenvolvimento de suas potencialidades de forma inteligente e, sobretudo, respeitando seus limites.

Salienta-se que a aprendizagem de pessoas com TEA representa um desafio para muitos, pois requer um conhecimento mais detalhado sobre como o cérebro de cada indivíduo aprende, visando identificar suas capacidades e limitações. Portanto, é de suma importância traçar estratégias terapêuticas e curriculares por parte da equipe que atua em conjunto com a pessoa diagnosticada com TEA, a fim de proporcionar a ela maiores oportunidades de aprendizado, reduzindo sua ansiedade e adaptando o ambiente com base em sua experiência e nas habilidades já apresentadas pela pessoa.

Nesse contexto, ressalta-se a importância do diagnóstico precoce do TEA, uma vez que a demora pode acarretar prejuízos consideráveis à vida da pessoa, tais como dificuldades de memória, funcionamento executivo, formação de controles, controle cognitivo e velocidade de processamento cognitivo, conforme esclarece Menezes (2020).

Além das consequências mencionadas pelo autor acima, é relevante destacar as considerações de Caparroz e Soldera (2022):

As taxas de doenças psiquiátricas são maiores em pessoas com TEA do que na população em geral, a exemplo, a prevalência de transtorno de ansiedade foi estimada entre 27 e 42% para TEA, entre 23 e 37% para transtornos depressivos e entre 11 e 66% para ideação suicida. Tudo isso impossibilita a pessoa com TEA de buscar intervenções para melhoria de qualidade de vida, de inserção social, do aperfeiçoamento de suas habilidades e de planejamento adequando do tratamento (CAPARROZ & SOLDERA, 2022, p. 85).

Findando as discussões acerca dos impactos do diagnóstico tardio do TEA,

cumpra salientar que o referido diagnóstico apresenta grandes dificuldades sociais e pessoais às pessoas, ocasionando sofrimento tanto para elas quanto para as pessoas mais próximas. No entanto, sempre há a possibilidade de melhora com o auxílio de tratamentos adequados, com ênfase no desenvolvimento, a fim de minimizar os efeitos do transtorno e auxiliar na aceitação e compreensão de características antes desconhecidas.

O diagnóstico do TEA em adultos não é um tema muito abordado em pesquisas e estudos. A maioria desses, sequer discutem o tema do diagnóstico na fase adulta, o que enseja uma falta de interesse para com todas as pessoas que, por motivos diversos, não tiveram a oportunidade de ter seu diagnóstico quando crianças. Essa falta de interesse pode incorrer em dificuldades ao longo de toda a vida do indivíduo, que não teve a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e limitações. Assim, considera-se uma urgência de mais pesquisas sobre a percepção do TEA na fase adulta, a fim de promover uma maior compreensão do TEA, conscientizar a população e, sobretudo, garantir que os direitos dos cidadãos sejam garantidos e respeitados.

Os pontos fortes desta pesquisa podem ser averiguados nas citações apontadas ao longo de todo o desenvolvimento teórico do estudo. Por exemplo, na fala de Menezes (2020), o qual dispõe que "o portador de TEA tende a ter sensibilidade a músicas altas, pessoas tocando, luzes, cheiros diferentes, dentre outros". Dessa forma, é possível identificar o autismo desde os primeiros anos de vida da criança e buscar tratamento.

Já os autores Silva, Araújo e Dornelas (2020) escrevem que "na fase adulta, os traços procedem para a falta de empatia, não conseguem sentir as emoções que as outras pessoas transmitem e, muitas vezes, são classificadas como antissociais". Isso reforça a importância do diagnóstico do autismo desde os primeiros anos de vida, para que a pessoa, ao chegar na vida adulta, não tenha tantos contratempos e dificuldades decorrentes do transtorno.

É importante reforçar também o entendimento trazido por Caparroz e Soldera (2022). No Brasil, as políticas públicas para os casos de saúde mental começaram a ser verificadas somente no século XIX, o que ocasionou a desagregação entre os profissionais da medicina e o grupo de familiares. Embora exista a Lei Berenice Piana (Lei 12.764/2012), que apresenta em seus preceitos a contextualização da garantia do direito ao tratamento pelo SUS, buscando garantir o respeito, ainda não há um

padrão de tratamento verificado para esse tipo de transtorno, havendo muitas desinformações que impedem o direito ao tratamento para essas pessoas. Tal fator é um dos principais motivos pelos quais o diagnóstico do TEA somente é conferido quando a pessoa já está adulta.

Veloso e Jardim (2021) destacam que, mesmo que o diagnóstico do TEA não ocorra na infância, há alguns sintomas que são bem particulares do transtorno e que permanecem mesmo após a infância, como agressividade e obsessões. Isso envolve também questões relacionadas à educação, entrosamento na área profissional e toda preocupação em relação à independência da pessoa.

Outro autor que merece destaque em suas citações apresentadas no referencial teórico do estudo é Lobato, Martins e Lobato (2020), que abordam a necessidade de diagnóstico do TEA logo nos primeiros anos de vida da criança, reforçando o entendimento de que o adulto com TEA, sem tratamento anterior, apresenta grandes dificuldades de interação social. Isso dificulta sua interação tanto com as pessoas do seu meio social quanto com as de fora. Assim, as conversas costumam ser sempre insólitas e com respostas diretas. Os autores destacam ainda que o espectro autista, já na fase adulta, apresenta dificuldade de compreensão de acontecimentos a longo prazo, impossibilitando que a mesma divida sua atenção com outras situações.

Para tanto, tem-se que os pontos fortes da pesquisa, foram definidos a partir da busca de materiais acadêmicos e didáticos que abrangem o tema de TEA em adultos, considerando os impactos do diagnóstico tardio, sendo utilizadas as seguintes palavras-chave na estratégia de busca: Diagnóstico tardio, Transtorno do Espectro Autista e Impactos do TEA, como norte da pesquisa. Consoante a limitação do estudo, conforme já apontado, o diagnóstico do TEA em adultos não é um tema muito abordado, fato que apresentou certa limitação quanto à abordagem teórico da pesquisa. Assim, verifica-se a necessidade de se considerar maiores e melhores registros sobre o referido tema, bem como, a criação de políticas públicas e legislações específicas que abordem a referida problemática, como uma questão de saúde pública, a fim garantir que os direitos das pessoas identificadas com o referido transtorno, sejam de fato, garantidos e respeitados.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo proposto buscou abordar os impactos funcionais e psicossociais inerentes aos indivíduos adultos que recebem o diagnóstico de TEA, reforçando a necessidade de realizar o diagnóstico precoce desse transtorno. A partir de todo o desenvolvimento teórico realizado no estudo, constatou-se verificado que quanto mais cedo for apresentado o diagnóstico e iniciado o tratamento para o TEA, maiores e melhores serão as possibilidades de desenvolvimento das habilidades de socialização, comunicação e comportamento da pessoa com autismo. Neste processo de identificação do transtorno, a família costuma ser a primeira a perceber os sintomas, como dificuldade na fala, interação e comportamento da pessoa e transtorno de desenvolvimento.

Assim, a família tem um papel fundamental no diagnóstico do TEA, tanto em crianças como na fase adulta. É de grande valia que a população tome ciência de orientações acerca da identificação de traços autistas, a fim de que a identificação seja mais rápida e a pessoa seja logo encaminhada para tratamento.

Portanto, tem-se que os impactos da revelação do diagnóstico de autismo para a família e para a criança, ou mesmo para o adulto, podem ser amenizados quando a sociedade tiver melhores informações quanto ao transtorno do espectro, orientações quanto às terapias e intervenções, percebendo que o autista, se bem estimulado por profissionais capacitados nessa área, é capaz de ter autonomia em suas atividades cotidianas, desenvolver habilidades de interação social e ter comportamentos adaptáveis em situações que os afligem.

Considerando toda a necessidade de estudos que tratem especificamente do diagnóstico tardio do TEA, evidencia-se a importância de maiores estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista, sobretudo nessa faixa etária, atentando-se para a qualidade de vida dessas pessoas e, ainda, a possibilidade de melhores políticas públicas que busquem uma maior precisão do diagnóstico e incentivo à família e profissionais no rastreamento do transtorno, a fim de diminuir os impactos negativos do autismo e aliviar os sintomas oriundos do transtorno.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M.M de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, APA. **DSM V - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed.rev. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** (5ª ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.
- CAPARROZ, J., SOLDERA, P. E. S. **Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares**. OpenMinds International Journal, 2022.  
Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2020.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LIMA, H. K. S. D., DUTRA, J. E. R., CARVALHO, J., MARTINS, J. R., SANTOS, P. P. D., MACHADO, V. R. M. V. **Diagnóstico tardio do autismo em adultos** (Trabalho de Conclusão de Curso). Etec Adolpho Berezin, Mongaguá, Brasil, 2021.
- LOBATO, M. F., MARTINS, M.G T., **Autismo: Descoberta tardia, importância da terapia cognitivo comportamental na intervenção psicoterapêutica**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 12, Vol. 02, 2020. Disponível em:  
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/descoberta-tardia> acesso em: 20 março 2023.
- LOCATELLI, P. B., **Autismo: Propostas de Intervenção**. 2016. Disponível em:  
<file:///C:/Users/Financeiro/Downloads/63-123-1-SM.pdf>. Acesso em: 05 março. 2023.
- MALHEIROS, et. al. **Benefícios da intervenção precoce na criança Autista**. *Revista Científica da FMC - Vol. 12, nº 1, 2017*.
- MENEZES, M. Z. M. **O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta** (Monografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
- OLIVEIRA, F. V. **Transtorno do espectro autista – O papel do médico de família no diagnóstico precoce e suporte familiar**. Tese (Mestrado Integrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

PESSIM, L.E.; FONSECA, Bárbara Cristina Rodrigues. **Transtornos do espectro autista: importância e dificuldade do diagnóstico precoce.** Disponível: <http://faef.revista.inf.br/>, 2015. Acesso em: 07 março. 2023.

PORTOLESE, J. BANDEIRA, G. LAPLANTE, K. **A importância do diagnóstico e intervenção precoce no autismo.** Autismo e Realidade. disponível em <https://autismoerealidade.org.br/2020/11/25/a-importancia-do-diagnostico-e-intervencao-precoce-no-autismo/>, 2020. Acesso em: 13 março. 2023.

PRISMA. 2020 **statement: an updated guideline for reporting systematic reviews**, BMJ 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.71.

SANTOS, C. R.; FUSARI, D. B. P.; THOME, Ingrid Brumatti; RIOS, Mirivan Carneiro. **As consequências do reconhecimento tardio para o portador da síndrome do autismo.** Disponível em: <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/ed3/4.pdf>. Acesso em: 13 março. 2023.

SEMENSATO, M.R; BOSA, C. A. **crenças parentais sobre o autismo e sua evolução no processo de comunicação diagnóstica.** Pensando fam, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 07 março. 2023.

SHAW, G. S. L., LEANDRO, L., ROCHA-OLIVEIRA, R. **Discutindo mitos e verdades sobre o autismo:** contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. Revista de estudios y experiencias en educación, 2021.

SILVA, A. C. F., ARAÚJO, M. D. L., DORNELAS, R. T. **A importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista.** Psicologia & Conexões, 2020.

VELOSO, G. S.; JARDIM, L. C. **A importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista em crianças e os impactos no processo de aprendizagem.** 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/18984/3/TCC%20Lorena%20e%20Gabriel%2016%20nov%20%281%29.pdf>. Acesso em: 13 março. 2023.

VIANA, A. C. V., MARTINS, A. A. E., TENSOL, I. K. V., BARBOSA, K. I., PIMENTA, N. M. R., SOUZA, B. S.L. **Saúde Dinâmica**, 2020.

ZANON, B. R.; BACKES, B.; BOSA, Cleonice Alves. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>. Acesso em: 07 março. 2023.